

TRACOS de MEMÓRIA

EM CADA
CANTO
UM
CONTO

Instituto Federal Fluminense campus Macaé
Macaé, outubro de 2023

Nº 04




**INSTITUTO
FEDERAL**
Fluminense
Campus
Macaé



TRAÇOS de MEMÓRIA

Instituto Federal Fluminense campus Macaé
Macaé, outubro de 2023

Nº 04



TRAÇOS DE MEMÓRIA#04

Publicação especial produzida em uma das etapas de pesquisa do Doutorado em Letras/UERJ realizada pela professora de Língua Portuguesa Andrea Gomes em parceria com os projetos *FANZINOTECA* e *Resgate da Literatura Oral: do conto à fanzineagem*.

Coordenação: Alberto de Souza e Andrea Gomes Barbosa.

Diagramação: Alberto Carlos Paula de Souza

Textos e ilustrações: Ana Beatriz F. Pinto, Denise G. de C. Malheiros, Luana de F. T. M. Machado, Luana Macedo, Mirella de C. Malheiros Correia, Rafael de A. Souza, Raphaela Cristina M. Borges, Ruana P. Bastos.

Ilustração da capa: Mirella de C. Malheiros Correia.

Participação Voluntária: Clara Gomes Moraes.



**INSTITUTO
FEDERAL**
Fluminense

Campus
Macaé

A Lenda da Cobra Preta

Diz a lenda que uma mulher engravidou e rejeitou o bebê.

Então, ela foi amaldiçoada e toda vez que engravidava, a cobra ia na casa dela, durante o sono, e mamava o seu peito.

Para o bebê não acordar chorando, a cobra colocava a ponta do rabo na boca dele.

O bebê sugava o veneno da cobra e morria.

Para se livrar da maldição, a mulher tinha que ter um amuleto e rezar

Texto produzido por Ana Beatriz, 2º ano PROEJA/2023.



A Lenda do Gatoelho

Texto produzido por Raphaela Cristina, 1º ano PROEJA/2023, com base na entrevista feita com Bombeiro (apelido recebido por ajudar uma família em um incêndio).



Ilustração: Laura Macedo

Há muito tempo, quando o entrevistado ainda era uma criança, sua família, que habitava em um pequeno pedaço de terra, tinha como costume criar animais. Os moradores daquela região constantemente levavam animais órfãos para lá, porque sabiam o quanto eles amavam e cuidavam de cada bichinho daquele sítio.

A forma como os animais viviam era até engraçada, não havia brigas, eram cavalos, galinhas, patos, cachorros, gatos, coelhos, porquinhos-da-índia, porcos e outros bichinhos que eles adotavam. Era uma grande família de espécies totalmente diferentes.

Certo dia, um dos membros da família, responsável por cuidar dos gatos, que eram muitos, reparou que uma das fêmeas havia dado cria a três filhotes. Quando olhou, não acreditou, correu e chamou todos da família. E pasmem, por algum motivo desconhecido, os filhotes nasceram com características de gato misturado com coelho.

Com o passar do tempo, foi ficando cada vez mais evidente. O animal tinha rabo, patas traseiras, dentes, orelhas e olhos vermelhos de coelho, formato do rosto, pelagem, miado e o instinto de caça de gato.

Aqueles três gatinhos viraram a sensação daquela pequena população, passaram a receber diversas visitas, até brincavam de identificar qual coelho era o pai. A curiosidade era tanta porque ninguém acreditava na existência do gatoelho.

Caso de Polícia

Meu tio-avô costumava contar que, quando criança, presenciou a vizinha tapar um buraco muito grande. Os dias foram se passando e todos começaram a sentir falta do vizinho. A polícia foi chamada e o boletim de ocorrência foi registrado.

Cidade pequena, todos se reuniram para localizar o vizinho. A polícia interrogou todos os moradores. Foi, então, que meu tio lembrou do que tinha visto e contou tudo.

O terreno foi cavado e o corpo do vizinho foi encontrado. A polícia fez a vizinha retirá-lo com as mãos e, logo em seguida, a prenderam.

O tempo passou, meu tio-avô cresceu. A vizinha foi solta e voltou a morar na casa dela. Ela o procurou por toda a cidade, dizendo que estava com muita saudade dele.

Foi então que meu tio-avô fez as malas, foi embora e nunca mais voltou.

Texto produzido por Ana Beatriz, 2º ano PROEJA/2023.



O Mentiroso

*Texto produzido por Denise, 1º ano PROEJA/2023
com base na história contada por sua avó Sebastiana.*

Há muitos e muitos anos, em um reino bem distante, havia um homem que morava em um povoado e importunava a todos daquele lugar, só contava mentira, passava trote nas pessoas, ninguém o suportava mais.

Então, o povo foi até a presença do Rei e pediu para que ele tomasse uma atitude.

O Rei, muito indignado com aquela situação, pediu para que um de seus soldados fosse até aquele homem e o trouxesse até ele. Ao chegar, o homem se prostou diante do Rei que, furioso, disse-lhe:

_ Se você não parar de incomodar o meu povo com suas brincadeiras maldosas e com suas mentiras, eu lhe sentenciarei a guilhotina. Não quero mais ouvir falar de você!

Respondeu o homem:

_ Sim, Majestade! Nunca mais farei tal coisa.

Passados alguns meses, esse homem estava passeando fora das dependências do castelo e, passando por um cemitério, viu uma caveira sentada em um grande galho de árvore, balançando uma das pernas. Então, ele perguntou:

_ Caveira, quem lhe matou?

E ela disse:

_ Foi a

língua!

E ele perguntou de novo:

_ Caveira, quem lhe matou?

E ela disse:

_ Foi a língua!

O homem desesperado correu, entrou na cidade e começou a falar para todos no povoado. Não sendo o bastante, foi até o Rei para relatar o acontecido.

O Rei, não acreditando, lhe falou:

_ Eu lhe avisei. Se acontecesse novamente, você iria para a guilhotina.

Disse o homem:

_ Meu Rei, estou lhe falando, isso é verdade! Eu estava caminhando fora da dependência do Reino e, passando por um cemitério, vi uma caveira em um grande galho de árvore, balançando as suas pernas e lhe perguntei “Caveira, quem lhe matou?”. Ela disse que havia sido a língua. Perguntei mais uma vez, e ela respondeu a mesma coisa. Rei, juro que não estou mentindo!

O Rei falou ao homem:

_ Amanhã reunirei todos em frente ao palácio e você vai me trazer essa caveira, mas se ela não falar, você vai para a guilhotina.

Por sua vez, o homem falou:

_ Vossa Majestade,

homem falou:

_ Vossa Majestade, irei até ela e a trarei.
Com certeza, ela vai falar!

No dia seguinte, foi o homem ao cemitério,
colocou a caveira em uma bandeja de
prata e fez a mesma pergunta, e ela
respondeu “foi a língua”.

E lá foi o homem todo feliz, com toda a
certeza de que iria conquistar a confiança
do Rei.

Ao chegar diante do Rei, este foi logo
perguntando “Caveira, quem lhe matou?”,
e ela não respondeu. O Rei perguntou de
novo e não obteve nenhuma resposta. E
todos os moradores daquele lugar, que
estavam reunidos ali a convite do Rei,
começaram a rir daquele homem.

Então, o Rei ordenou que o
levassem para a guilhotina.

Enquanto os soldados o
conduziam, ele gritava:

_ Caveira, quem lhe
matou?! Caveira,
quem lhe matou?!

Não faz isso

comigo!!! Caveira, quem lhe matou???

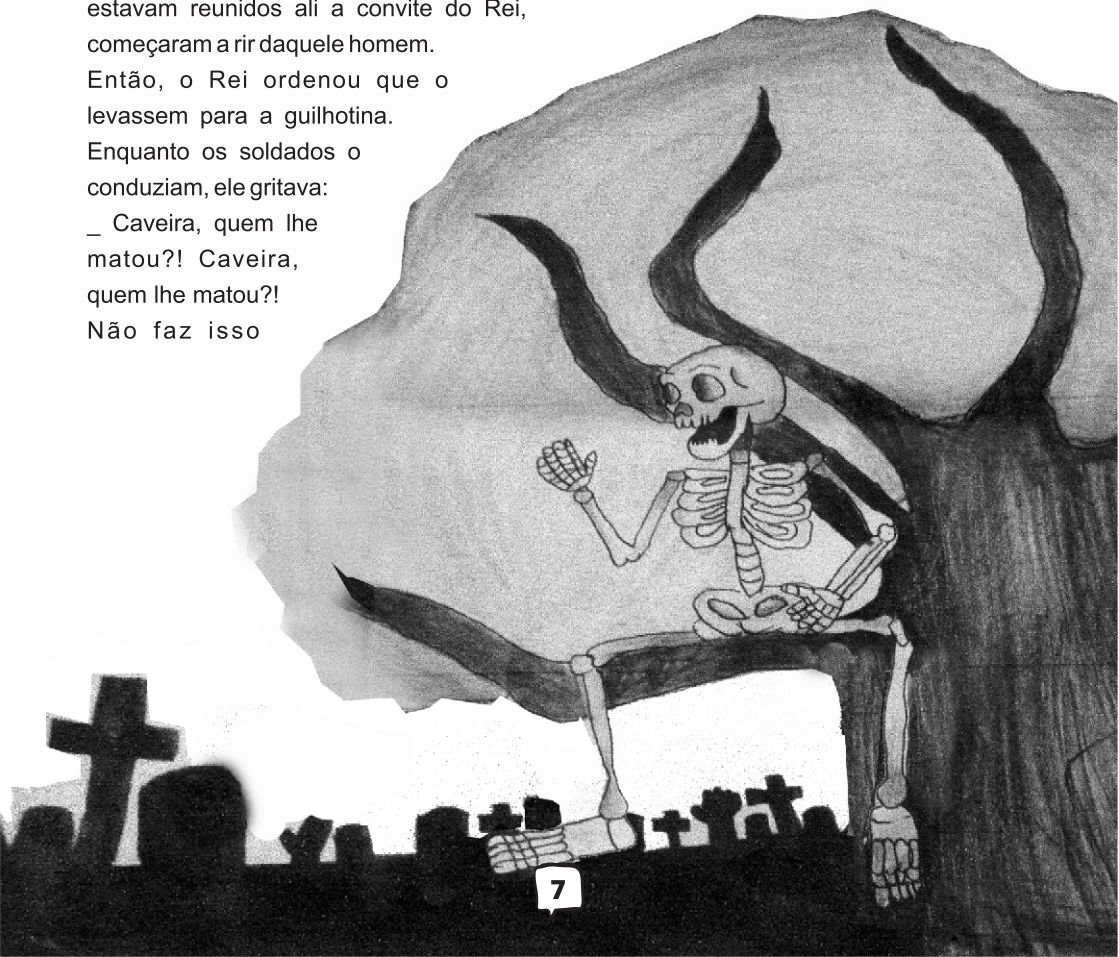
Colocaram o homem com a cabeça dentro
do buraco para que a guilhotina descesse.
E chorando muito, mais uma vez ele
perguntou “Caveira, quem lhe matou?”, e
ela não disse nada.

E aconteceu a decapitação do homem.

Quando a cabeça do homem rolou, a
caveira deu um salto da bandeja e
correndo e pulando, ela começou a falar:

_ Foi a língua!!! Foi a língua!!!

E todos ficaram pasmos com o
acontecido.



Juro que vi

(Descoberta baseada em fatos reais)

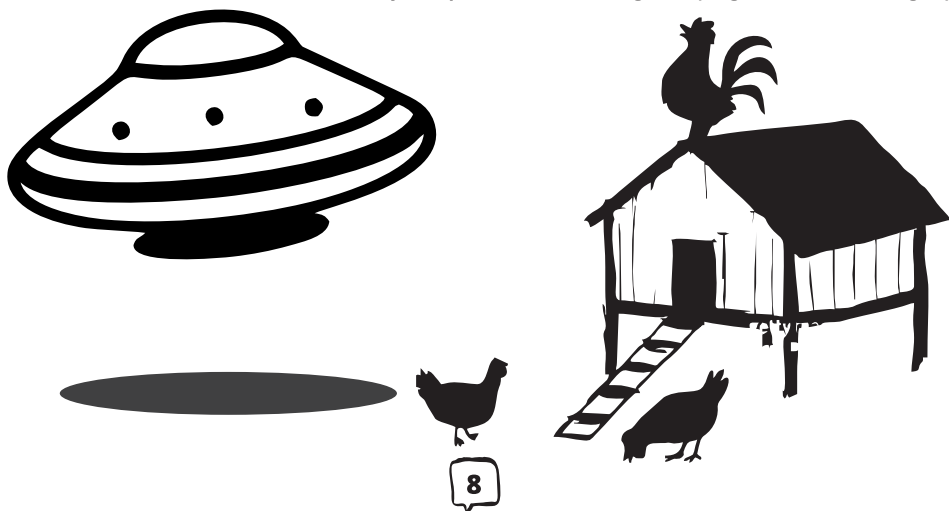
Ela morava em um sítio e toda noite ia para o quintal conversar com sua irmã que era da mesma idade. Duas adolescentes que se divertiam ao contar as “fofocas” do ensino médio.

De repente apareceu uma luz muito forte vinda do céu em direção ao galinheiro. Elas correram e se esconderam debaixo da mesa, a curiosidade era maior naquele momento, mas não durou muito tempo. Quando a nave aterrissou, o vento e as luzes brilhantes eram tão fortes que entraram correndo em casa para contar aos pais que, sonolentos, fingiram acreditar para elas dormirem logo.

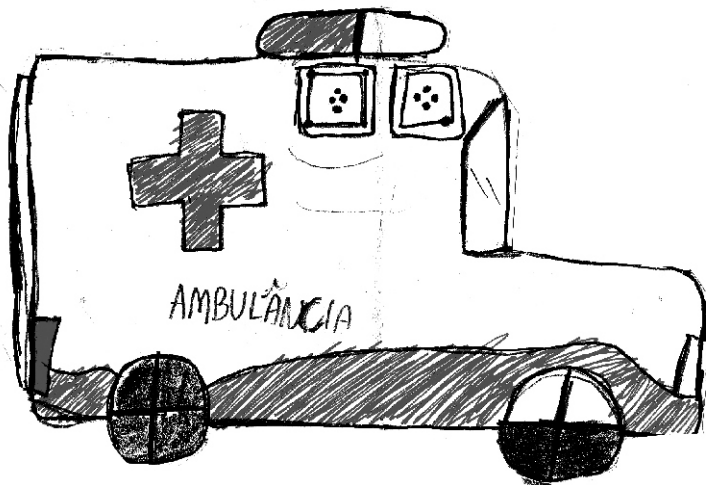
Quando acordaram para ir à escola, a primeira coisa que fizeram foi ir perto do galinheiro para ver se aquela nave espacial estava lá ainda. E quando chegaram ao local, tudo foi confirmado. O círculo enorme estava marcado no chão como se alguém tivesse aspirado e retirando toda poeira do local.

Para as irmãs, aquilo era a confirmação de tudo que viram na noite passada. E só assim, os pais delas acreditaram. Aliás, quem mais faria aquele grande círculo no chão? Só quem pode ver, crê. Elas desistiram de contar para as pessoas, porque ninguém acreditava nelas que sempre falavam “Juro que eu vi!”.

Texto produzido por Ruana, 2º ano PROEJA/2023, com base no relato feito por Nelinha e Rogéria (sogra e irmã da sogra)



O Ano Era 1983



Eu tinha cinco anos. Essa foi a última casa em que morei na minha cidade natal, Campos dos Goytacazes. Nela ficaram muitas lembranças boas, quintal grande, árvores frutíferas.

Lembro-me de uma vez que eu brincava com a vizinha e perfurei o pé no caco de vidro. Minha vó veio em minha direção para me socorrer. Como eu gritava de dor, enquanto minha mãe chamava a ambulância, minha vó resolveu estancar o sangue com pó de café, amarrando com um pano.

Fui levada ao hospital e o médico chamou a atenção da minha vó e da minha mãe por ter colocado pó de café no corte. Levei mais de dez pontos e fiquei com uma cicatriz de número 4 no pé.

Entrar na ambulância, mesmo chorando e com dor, foi a maior aventura. Sempre que vejo uma e ouço o barulho da sirene, mesmo já na minha maturidade, ainda me lembro do dia que foi me buscar, em minha casa, após eu ter me ferido. Lembro do cheiro do álcool, dos socorristas vestidos de branco tentando me acalmar, e minha mãe e minha vó me segurando o tempo todo.

Senti amor e afeto por parte das duas.

Texto produzido por Ana Beatriz, 2º ano PROEJA/2023

O LobisOMEM de Mochila

Há trinta anos, havia um rapaz chamado Baixinho que vivia no interior de Macaé. Pela manhã, costumava trabalhar na lavoura com seu pai para ajudar no sustento da família e, à tarde, estudava.

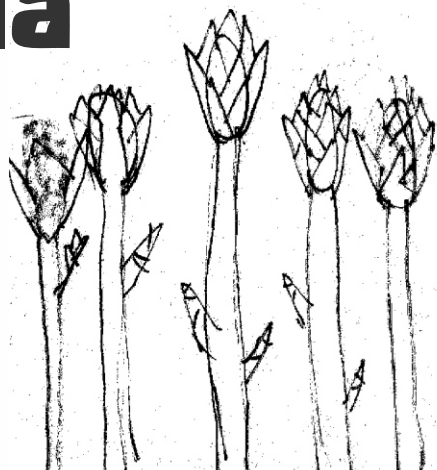
Até que um dia, já estava anoitecendo, quando ele voltava para casa e, ao passar por um milharal, ouviu um barulho estranho vindo da plantação.

De repente, uma figura de três metros de altura atravessou a estrada, olhou em sua direção e entrou no mato.

Quando chegou em casa, assustado, contou para seus pais, mas não acreditaram no relato dele.

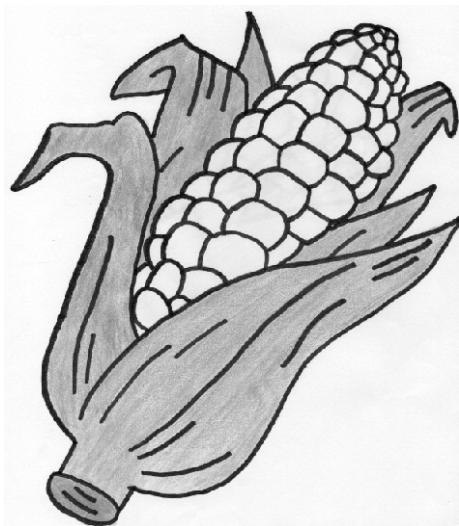
E há dois anos, ele contou essa história ao seu filho Gabriel, meu amigo, que me relatou que a figura de três metros era um lobisOMEM de mochila que, provavelmente, estava voltando da escola também.

Texto produzido por Rafael, 2º ano PROEJA/2023, com base na entrevista feita com Gabriel Neris.



Papa Lambida

*Texto produzido por Luana, 1º ano PROEJA/2023,
com base na entrevista feita com Mariúcha Corrêa.*



Moradores antigos da cidade de Macaé contam que ali vivia um casal que estava passando por dificuldade financeira. Então, resolveram fazer um dos quitutes mais deliciosos da receita familiar: papa de milho verde.

A esposa preparava a deliciosa papa e a colocava nos potinhos e, todos os dias, alertava e lembrava ao marido da situação em que se encontravam, pedindo que ele tivesse dedicação para vender todos os doces. Além disso, ela também dizia que sabia exatamente a quantidade que havia para que ele não comesse nenhum potinho.

Assim, ele saía para vender as papas. Olhava e admirava os divinos quitutes, lembrando do sabor e chamando a atenção das pessoas pelas ruas, anunciando sua chegada.

Sem poder pegar algum, o marido teve uma ideia para saciar sua vontade dos doces: começou a abrir os potinhos e dava uma lambida. Desse modo, ele não desfalcava a quantidade e poderia vender tudo, levando a quantia certa para casa.

Pasmem! Esse homem vendia essas papas e fazia um sucesso em Macaé. Todas as pessoas pediam a receita, mas ele não contava para ninguém e ainda dizia que a papa tinha um segredo que nem mesmo a esposa que fazia sabia.

Certo dia, descobriram que ele dava uma lambida antes de vender o doce, mas as pessoas já estavam tão acostumadas e admiradas pelo sabor, que nem ligaram para o fato. As papas continuavam sendo vendidas e as pessoas compravam muito.

Por conta disso, o homem ficou conhecido como “Papa lambida” e o seu produto também.

TRACOS de MEMÓRIA

Nº 04

O fanzine **Traços de Memória** é uma publicação resultante de uma das ações de ensino, pesquisa e extensão do projeto *Resgate da Literatura Oral: do conto à fanzinagem!* em parceria com o extraordinário projeto *IFanzine/Fanzinoteca*, coordenado por Alberto de Souza, tendo como espaço de atuação a Fanzinoteca Macaé, localizada no Instituto Federal Fluminense campus Macaé.

Tal ação é desenvolvida pelo *Em cada canto, um conto* e tem por objetivo diminuir a disparidade entre o currículo formal e o ensino da transmissão oral de tradições, abrindo espaço para a socialização de experiências culturais dos alunos do PROEJA, envolvendo textos de tradição oral e relatos de histórias de vida.

A presente edição traz histórias pesquisadas e ilustradas por alunos do curso de Logística/PROEJA e seus familiares, em uma das etapas de pesquisa do Doutorado em Letras da UERJ, realizada pela professora Andrea Gomes.

O projeto de pesquisa tem por objetivo analisar as contribuições do uso de fanzines em aulas de língua portuguesa, em turmas de Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos, buscando entender de que forma essa revista artesanal contribui para a expressividade e para o desenvolvimento da competência discursiva nessa modalidade de ensino.

O resultado, você confere nas páginas dessa quarta edição do *Traços de Memória*.

Divirta-se e aproveite para pesquisar e socializar as histórias de sua família.

Conte, reconte e encante!

